

# PROSTITUIÇÃO FEMININA E FEMINILIDADE – CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA PSICANÁLISE

Daniel Galante Romanini<sup>1</sup>  
Darlecy Ferreira Neto<sup>1</sup>  
Rafael de Souza Pereira Gomes<sup>2</sup>

## RESUMO

Foi realizada através deste trabalho uma coleta de dados com 05 mulheres que atuam na prostituição com faixas etárias distintas das cidades de Cuiabá e Várzea Grande-MT para compreender o processo de subjetivação e organização da sexualidade das prostitutas. Para compreendermos esse processo fez-se necessário discorrer sobre a feminilidade e seguir um caminho que atravessa o contexto social e cultural e assim analisar a constituição da sexualidade feminina a partir da psicanálise. Possuindo como regra a singularidade do discurso e identificação de unidades de análise da representação dos fenômenos, tornando possível uma identificação de significados que se apresentam através do entendimento e da interpretação da realidade do sujeito. Foi utilizado como método de pesquisa a análise de conteúdo, que é usual em pesquisas qualitativas. A coleta dos dados se deu pela técnica da entrevista semiestruturada. Para a análise dos dados, utilizamos como instrumento a análise de conteúdo.

**Palavras Chaves:** Psicanálise, Feminilidade, Prostituição, Discurso.

## ABSTRACT

It was carried through this work a collection of data with 05 women who work in prostitution with different age groups in the cities of Cuiabá and Várzea Grande-MT to understand the process of subjectivity and organization of sexuality of prostitutes. To understand this process it was necessary to talk about femininity and follow a path that crosses the social and cultural context and thus analyze the constitution of female sexuality from psychoanalysis. Possessing as a rule the uniqueness of speech and identification units of analysis of the representation of phenomena, identification of meanings that arise through the understanding and interpretation of the reality of the subject making it possible. It was used as a research method content analysis, which is usual in qualitative research. Data collection was done through the technique of semi-structured interview. For data analysis, we used as a tool to content analysis.

---

<sup>1</sup> Alunos do Curso de Psicologia. Centro Universitário de Várzea Grande - MT, turma de 2011/02. E-mail: danielromanini2006@hotmail.com / [darlecy\\_darly@outlook.com](mailto:darlecy_darly@outlook.com) <sup>2</sup> Psicólogo, Psicanalista de Crianças e Professor do UNIVAG – Centro Universitário de Várzea Grande – MT. E-mail: rafaeldesouzapereigomes@gmail.com.

**Key words:** Psychoanalysis, Femininity, Prostitution, Speech.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo compreender a posição que a prostituição feminina ocupa ante a feminilidade e investigar de que maneira a teoria psicanalítica pensa a constituição do sujeito que se insere neste contexto. Discorrer a respeito da feminilidade proporciona seguir um caminho que atravessa o social e a cultura, bem como, nos proporciona analisar a constituição da sexualidade feminina a partir da psicanálise.

Para a coleta de dados foi empregada a técnica da entrevista semiestruturada. Como método para a análise dos dados coletados na pesquisa foi utilizado a análise de conteúdo. Já a fundamentação teórica se deu a partir da psicanálise freudiana.

No século XVIII, várias ideias médicas, filosóficas e morais buscavam estabelecer características do feminino e do masculino. Acreditava-se que as distribuições sociais entre os diferentes sexos obedeciam às disposições naturais de cada um, que possuíam naturezas diferentes (ALMEIDA, 2012).

Dessa forma as qualidades do feminino eram determinadas por determinados grupos. As mulheres deveriam apresentar docilidade, afetividade e passividade em relação ao desejo dos homens e filhos. A cultura européia, destes idos, produzia um discurso que visava promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominado feminilidade (ALMEIDA, 2012).

A mulher estava intimamente ligada à maternidade segundo seus idealizadores, dessa forma seu desejo feminino deveria estar vinculado ao de ser mãe. Uma ideia bastante corrente, naquele momento, apontava que a natureza feminina precisaria ser domada pela sociedade para que as mulheres pudessem cumprir seu destino, serem esposas e mães (ALMEIDA, 2012). Com isso era importante naquele contexto que as mulheres permanecessem submissas e inocentes sexualmente.

Ao corresponderem às exigências de passividade passaram por duas formas de alienação. Sem acesso ao poder político, as mulheres não teriam meios de garantir os outros direitos fundamentais para se tornar sujeitos de suas próprias histórias Kehl (2008 apud ALMEIDA, 2012). A segunda forma foi no plano subjetivo, renunciando da apropriação simbólica do falo: a fala. Ao emudecerem, deixaram de participar do que Freud veio a chamar de as grandes tarefas da cultura, permanecendo, assim, socialmente invisíveis (ALMEIDA, 2012).

Nesse emaranhado de fatores sociais, que tem como modelo a cultura burguesa, a mulher foi inferiorizada a uma condição de submissão, condição essa imposta pelo masculino. Esta mesma “feminilidade”, entrando em crise, ainda no século XIX, produziu a histeria como modo dominante de expressão de um sofrimento psíquico (ALMEIDA, 2012). Diante da imposição direcionada ao seu corpo e sua sexualidade e suas condutas, a forma encontrada pelas mulheres de demonstrar sua insatisfação foi através do sintoma histérico.

A psicanálise, em sua construção teórica, não deixa de ser tocada por este percurso histórico, ao contrário “a história da evolução do conceito de sexualidade é idêntica à história da psicanálise” Mezan (1982, apud ARÁN, 2009, p. 653). Isso se dá pelo fato de que a elaboração teórica de seus principais conceitos tem, como pedra fundamental, a sexualidade.

Escutar as histéricas no seu esforço de falar com seu corpo levou Freud a lançar as bases da psicanálise. A feminilidade e o desejo da mulher são analisados por Freud buscando entender como se constitui o feminino, Freud buscou com intensidade compreender esse mistério (VALDIVIA, 1997).

Na tentativa de escutar a histérica Freud notou que seus corpos queriam dizer algo. Com o desejo de saber mais acerca do feminino e de sua sexualidade deu início ao seu estudo no ambiente clínico. Foi pelas mãos de Freud que a histeria deixou de ser "doença" da mulher, tornando-se a possibilidade de uma relação humana "doentia" que submete uma pessoa a outra (VALDIVIA, 1997). Graças a Freud e seu pioneirismo a psicanálise tem esclarecido esses aspectos.

A questão da especificidade do feminino constitui o ponto de partida da psicanálise e também o ponto de retorno constante à teoria freudiana (VALDIVIA, 1997). A obtenção da sexualidade feminina está intrinsecamente relacionada ao complexo de Édipo e seus atravessamentos.

O complexo de Édipo é um dos principais postulados da teoria freudiana. Para a clínica psicanalítica a constituição da sexualidade do sujeito está conectada ao período edípico. Será a partir do Édipo que o sujeito irá estruturar e organizar o seu vir-a-ser, em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração (MOREIRA, 2004).

O Complexo de Édipo na obra de Freud era tido como um dos alicerces fundamentais para a obtenção da sexualidade. Freud sugere, na situação edipiana, uma comparação entre os dois sexos. “O primeiro amor da menina é por seu pai, enquanto os primeiros desejos infantis do menino são pela mãe” (FREUD, 1900, p. 286).

Existe uma diferença entre menino e menina na aquisição sexual. Na menina, o complexo de castração despertado pela visão do pênis nos meninos a levará a um sentimento

de inferioridade e a querer compensar sua falta pela inveja do pênis (ALMEIDA, 2012). Como deixa clara a seguinte citação extraída da obra freudiana “Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (FREUD, 1923-1925, p. 285). No caso em questão a menina entra no Édipo através do complexo de castração que a faz buscar o pai para se empossar do seu pênis e desejar de ter um filho do pai, para que isso sirva de forma sublimatória como substituto do pênis. “Os dois desejos – possuir um pênis e um filho – permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior” (FREUD, 1923-1925, p. 200).

É através do complexo de Édipo que a menina se depara com a diferença dos sexos e por não ser fálica se sente objeto do desejo do outro. O reconhecimento da diferença sexual obriga a menina a renunciar à masculinidade e dirigir-se à feminilidade, em função de seu sentimento narcísico de humilhação ligado à inveja do pênis (ALMEIDA, 2012).

Na medida em que o desejo narcísico da menina jamais se realiza, o complexo de Édipo na menina é gradativamente abandonado. Freud enfatiza a importância do complexo de Édipo e afirma que o modo pelo qual o menino ou a menina nele se introduz e o abandona terá seus efeitos no desenvolvimento de sua vida sexual (ALMEIDA, 2012).

A fase pré-edípica foi pouco explorada no começo de sua obra, mas com o avanço da sua teoria essa fase ganha importância, pois está relacionada à formação da sexualidade feminina. Para elas o complexo de Édipo é apenas uma formação secundária. Antes de chegar ao complexo de Édipo positivo (amor pelo pai), há a fase pré-edípica, extremamente importante na questão da feminilidade (VALDIVIA, 1997).

Mesmo em seus trabalhos posteriores, os enigmas dessa fase não foram de todo aclarado por Freud. Freud parece concluir que a psicanálise não se propõe a revolver este enigma, uma vez que a investigação psicanalítica descreve como a menina (ser bissexual) vem tornar-se uma mulher (VALDIVIA, 1997). Tornar-se mulher é um processo onde a identificação simbólica com o feminino se estabelece.

## **2 FEMINILIDADE E PSICANÁLISE**

Por muito tempo a sociedade moderna viu na biologia uma forma de definir a sexualidade a partir de determinantes genéticos, sendo a mulher encarregada pela procriação sendo o polo passivo. “A mulher? É muito simples, dizem os amadores de formulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea e esta palavra basta para defini-la” (BEAUVOIR, 1949, p. 35).

Ao contestar a aquisição da sexualidade através do determinismo biológico, “Freud inaugura, assim, um novo tempo em sua teoria da sexualidade, marcada pela grande descoberta: a de que o sexo não é um fenômeno natural e sim resultado de um processo de subjetivação” (ZALCBERG, 2008, p. 23). É através da subjetivação que a orientação sexual enquanto feminina ou masculina será formada.

Freud na conferência sobre "Feminilidade" (1932/1936) nos diz sobre as vicissitudes do desenvolvimento sexual para a menina e as suas implicações diante da castração, existem três possibilidades em relação à ausência fálica.

I. Inibição sexual ou neurose: a criança experimenta sentimentos de inferioridade, renuncia a masturbação clitoriana e repressão das suas aspirações sexuais.

II. Complexo de masculinidade: não aceita a castração e continua com a ilusão de ser equipada e dotada do falo continua com a masturbação clitoriana e detém o objeto de eleição homossexual.

III. A feminilidade normal: aceitam não ter o falo e usam como substituto pelo desejo de ter um filho. Essa saída pode ser representada pela escolha da maternidade.

De acordo com o que foi situado acima, só é possível falar das mulheres como fálica, porque mesmo na "feminilidade normal" preserva a ilusão de ser fálica, será substituída pelo imaginário pelo desejo da maternidade. A demanda de um filho, por ser uma reivindicação fálica, está sempre articulada à castração e a falta. A maternidade é uma via de substituição, para a menina, do desejo de ter o pênis (FARIAS; LIMA, 2004).

Antes do nascimento de um novo "humano" seguindo os princípios da medicina, o recém-chegado é nomeado como "menino" ou "menina", que reflete a presença ou ausência do pênis. Freud vai além da questão anatômica, nos diz que o posicionamento acerca da sexualidade não segue os princípios biológicos podendo, por exemplo, uma menina apresentar uma conduta masculina ou vice-versa. Freud foi revolucionário ao colocar a sexualidade humana como infantil e perverso - polimorfa. Não é objetal, é auto-erótica, pré-genital, não está centrada, não tem ligação alguma com a reprodução, não faz hierarquia entre as zonas erógenas etc (HILÁRIO; CUNHA, 2012).

É necessário considerar que no início da história sexual das crianças, existem dois aspectos que são fundamentais: o primeiro é supor que todos os seres humanos têm uma semelhança ao seu órgão sexual e a segunda é que as crianças têm como primeiro objeto de amor a mãe, mas no decorrer do desenvolvimento diferenças importantes entre os sexos são apresentadas, que são. Para a menina não há a vagina. Assim como o menino, ela ignora a diferença entre os sexos e atribui ao clitóris o mesmo valor que o menino confere ao seu órgão

(DINIZ, 2012). Ele também afirma que o clitóris se comporta na menina como um pênis pequeno, que é sede importante de excitações muitas vezes persistir na idade adulta, impedindo-o a gratificação coital.

As consequências psicológicas da vida sexual feminina possuem algumas semelhanças com a do menino. A este respeito, a sexualidade feminina dificilmente pode ser pensada a partir de si mesma no período pré-edípico, o que exige um paralelo com o que acontece no menino neste primeiro momento. De acordo com Freud, a menina era um homem pequeno antes de tornar-se mulher (HALBERSTADT, 2008). Com a saída da fase fálica e entrada no complexo de Édipo e menina caminha para a feminilidade. De fato, ela devia desistir de sua masculinidade original, sua masturbação clitoridiana na fase fálica, para poder alcançar a verdadeira feminilidade (HALBERSTADT, 2008).

Como dito acima, Freud afirma que, para o menino e para a menina, o primeiro objeto de amor é a mãe ou a figura substituta responsável por prestar cuidados e satisfação das necessidades, como evidenciado na seguinte citação: o objeto original de amor da menina, da mesma forma que do menino, é a mãe; mas insiste na ideia que o abandono da mãe, como objeto de amor, é condição necessária para a entrada da menina no Édipo. (MOREIRA, 2004)

Agora como é que a mãe se torna um objeto de amor? A este respeito, é pode ser observado que não só a atenção e satisfação são suficientes, mas cuidados com o corpo, o que se torna uma fonte central para as primeiras sensações sexuais prazerosas, dando origem a uma fantasia edípica de sedução materna, como sugerida abaixo: o bebê ao ser amamentado procura satisfazer suas necessidades emocionais ao entrar em contato com a pele da mãe, ouvir sua voz, sentir seu olhar, ser acariciado por ela (ZORNIG, 2008). Em conclusão, tanto o menino e a menina têm o mesmo ponto de partida, isto é, a mãe como objeto de amor, da mesma forma, podemos presumir que todos os seres humanos têm um semelhante ao pênis representado pelo clitóris na menina.

Esta semelhança exposta até agora, não será mantida para sempre, portanto, antes da percepção e reconhecimento da diferença, o desenvolvimento sexual infantil leva a caminhos diferentes, que envolvem mais esforço e complexidade ao caso da menina, que tem duas tarefas adicionais, mudança de objeto do amor e de zona erógena. Na menina, há um desligamento da mãe e um deslizamento em direção ao pai. Na visão freudiana, a menina deverá abandonar não apenas a mãe como objeto original, mas deverá, também, trocar de zona erógena (FARIAS; LIMA, 2004). No complexo Édipo a criança está normalmente ligado à mãe, que representa o seu primeiro objeto amor, enfrentando hostilidade e rivalidade em relação ao pai. Para a

menina, também o primeiro objeto de amor é a mãe, mas haverá uma mudança para o pai, isso mostra uma mudança na zona erógena e também de objeto.

Aspectos como o paralelismo na evolução sexual, zona erógena e objeto de amor, estão diretamente relacionados com a forma como o menino e menina vivenciam o complexo de Édipo e castração, que, como sugerido acima, não seguem a mesma linha em ambos os sexos, mas têm diferenças significativas. Em relação às meninas “O complexo de castração prepara para o complexo de Édipo, em vez de destruí-lo: a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edipiana” (FREUD, 1932-1936, p. 137).

A menina no início faz com que seu clitóris simbolicamente se comporte como um pênis, é o receptor de sensações agradáveis relacionadas com os seus desejos sexuais ativos para a mãe, porém, na percepção do genital masculino, vê o homem melhor equipado o que leva a uma autodepreciação ao amor dirigido a si mesma, pois queria algo parecido ao pênis e não o foi dado. Em seguida, passa a sentir de inveja do pênis, que deixa traços permanentes no seu desenvolvimento e na formação psíquica, e mesmo no caso mais favorável não será superada sem uma despesa psíquica grave.

Num primeiro momento, encara a castração como um infortúnio pessoal, que, posteriormente, será estendido a algumas crianças e adultos. Essa compreensão de que nem todos são dotados de pênis fará com que ela reduza a castração de sua própria mãe e, com isso, passe a depreciá-la (FARIAS; LIMA, 2004, p. 64).

A feminilidade não é mais especificada através da função fálica, mas pelo deslocamento da libido o que assegura o conhecimento da vagina (BONFIM, 2014). Em adição, e como já foi dito, a menina tem uma segunda tarefa é para alterar o objeto de amor, ao contrário do macho, para os quais a mãe sempre será para o resto de sua vida.

Na descoberta de traumas sexuais em meninas, quase todas as pacientes indicaram que tinham sido seduzidas por seu pai, isso é uma fantasia que é parte do próprio complexo de Édipo em mulheres. Com a experiência clínica de Freud e com a evolução de sua teoria, Freud viu-se induzido a duvidar da veracidade das cenas de sedução, acabando por aceitar que algumas poderiam de fato, não se relacionar apenas com a realidade externa, mas sim com o que o sujeito faz com esses acontecimentos (COSTA, 2007). Na história pré-edípica quem seduz normalmente é quem cumpre a função materna, portanto, isso é creditado devido à experimentação das primeiras sensações de prazer nos genitais pela menina.

Apesar do sentimento de amor por essa mãe que investe erogenamente ocorre uma ruptura nessa relação que emerge de um fato surpreendente para a menina e que ela não perdoa

sua mãe, não ter a presenteado com um pênis. Esse estranhamento ocorre sob um sinal de hostilidade, e a relação entre a menina e a mãe termina em ódio, que pode ser notável e até persistir por toda a vida. A menina responsabiliza a mãe pela ausência do falo e não menos porque o amor dirigido à mãe estava vinculado ao fato de ela ser encarada como um ser fálico (BONFIM, 2014).

A menina ao admitir o fato da sua falta do pênis não significa não o desejar. Ao contrário, ela se apega muito tempo a desejar, acredita nessa possibilidade até idade indefinidamente certa. O desejo de finalmente obter o pênis pode fazer a sua contribuição para as razões que levam à capacidade de forma sublimatória de substituir o desejo reprimido pelo pênis com atividades profissionais que exigem uma postura masculina. Esse processo sublimatório em resumo pode ser visto como; “condição para que o sujeito crie novos objetos de investimento que venham a adquirir valor social” (KUPERMANN, 2010).

Em relação ao que foi trabalhado nesta seção pode ser notado que a menina teve mudança erógena da zona (o clitóris para a vagina) e objeto de amor (mãe, para o pai), os aspectos que ocorrem como um resultado da passagem através da castração e do complexo de Édipo. No entanto, é comum que o desejo inconsciente de ter um pênis retorne, de modo que, as mulheres sempre mantêm a esperança de obter um pênis ou um filho correspondente sublimatório do falo.

A dificuldade em assumir a ausência, faz com que a castração tenha três orientações possíveis: um leva à inibição sexual ou neurose; Em seguida, a alteração do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, e a terceira, finalmente, à feminilidade normal.

A descoberta da castração, para Freud, é determinante na menina: seja em direção à neurose, seja em direção a um problema de complexo de virilidade ou em direção à sexualidade normal. Determinará também seu afastamento da mãe, pois seu amor era dirigido a uma mãe fálica, não a uma castrada. Esta descoberta leva a menina à renúncia da masturbação clitoriana e à atividade fálica; liga-se então ao pai, primeiro desejando um pênis daquele que o possui; depois se estabelece a situação edipiana normal, passando a desejar um filho substituto do pênis (SILVA; FOLBERG, 2008, p. 20).

A castração tem uma função essencial para destituição da fase fálica, ou seja, permite que a menina entre no complexo de Édipo. O Édipo na menina é estabelecido a partir da alteração do objeto de amor da figura da mãe para o pai, pois ao se deparar com a ausência do falo rompe com a mãe e busca na figura paterna a posse do falo.

## 2.1 Feminilidade e Prostituição

Na presente investigação se pretende indagar e compreender a concepção subjetiva em relação a prostituição feminina a partir da psicanálise freudiana. Sendo este um fenômeno de interesse mundial (a prostituição), e que por sua vez se denomina como uma das atividades mais antigas, historicamente, a prática da prostituição é tão antiga que se confunde com a história da humanidade (LOPES; RABELO; PIMENTA, 2007). Hoje em dia segue estando presente na sociedade e apresentando diferentes modalidades, como o turismo sexual, pornografia, cibersexo, entre outras.

A prostituição feminina estaria ligada a falta de efetivo monetário, é evidente que as mulheres que exercem essa prática na sua maioria pertencem aos grupos menos favorecidos economicamente. Dessa forma a falta de dinheiro se constitui provavelmente como o fator mais significativo e explicativo para a entrada nessa atividade.

O dinheiro está tão incorporado ao cotidiano, que chega a ser banalizado de tal forma que não nos damos conta de sua complexidade. Quem não se viu em dificuldades ao explicar a uma criança seu caráter simbólico? Falamos que dinheiro não cai de árvores, que passamos o dia todo fora de casa para garantir o sustento da família, em tom muitas vezes sacrificial e dramático. E sem nos darmos conta transmitimos uma dupla mensagem: que dinheiro não é tudo, mas que tudo fazemos para obtê-lo (TOGNOLLI, 2014, p. 96).

A prostituição pode ser definida como um conjunto de atividades nas quais se estabelece uma relação comercial ocorrendo um intercâmbio entre sexo e dinheiro. O dinheiro é colocado como uma das principais justificativas para o ingresso nessa prática. Tal é a sua relevância, principalmente em se tratando do baixo meretrício, que serve como justificativa e motivo alegado pelas prostitutas para sua entrada e permanência no mercado sexual (BURBULHAN ; GUIMARAES; BRUNS, 2012).

A venda do sexo, é vista como a maneira mais rápida para obter efetivo monetário, sem demandar maiores requisitos, só é preciso dispor do próprio corpo, assim esta prática está ao alcance todos. Esta definição é algo geral, pois a prostituição é um fenômeno muito mais amplo, e que suas modalidades são diversas, igualmente a diversidade de pessoas que realizam esta atividade.

É importante falar sobre os temas que estão relacionados com a prostituição, pois este tema tem várias implicações a nível social, político e econômico. A prostituição é um fenômeno que se apresenta a nível local e mundial, e tanto suas causas como consequências são de

interesse global. O fenômeno da prostituição constitui-se em um campo amplo e complexo, objeto de inúmeros estudos, opiniões, interesses, preconceitos e nomenclaturas. É uma temática extremamente debatida, que suscita opiniões e teorias tanto do senso comum quanto da academia (BURBULHAN; GUIMARAES; BRUNS, 2012).

Hoje em dia se tem realizado diferentes estudos em relação a prostituição levando em conta suas diferentes perspectivas, antropológicas, sociológicas, psicológicas e em geral desde o marco das ciências sociais e humanas, as quais nos permite evidenciar a magnitude desse fenômeno, e suas modalidades. Através da teoria psicanalítica é possível abordar e pensar os fenômenos sociais, levando em conta a constituição subjetiva do sujeito inserido nesse grupo. Essa é uma articulação possível entendendo que a constituição do sujeito se faz justamente pela entrada no social.

Este fenômeno se apresenta em ruas, casas, clubes, pornografia, turismo sexual, exploração infantil, etc., as quais são algumas das suas modalidades e são exercidas por mulheres, crianças e homens. Porém, é importante frisar que o artigo tem como foco a prostituição de mulheres adultas, pois o assunto da sexualidade feminina sempre tem sido um enigma. A dificuldade em caracterizar a feminilidade torna essa tarefa um enigma que tem persistido desde a fundação da psicanálise até os dias atuais.

“De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher --- seria uma tarefa difícil de cumprir ---, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual” (FREUD, 1932-1936, p. 125).

Diversos motivos levam as mulheres exercerem a prostituição: o econômico, dependência familiar, tráfico de pessoas, dependência química, decisão própria. Muitas das mulheres se encontram sem recursos pessoais, sociais e econômicos. E que devido a uma situação pessoal de desempoderamento decidem ou são forçadas a exercer a prostituição.

Portanto, podem existir diversas causas pelas quais uma mulher pode ingressar ao mundo da prostituição, para este estudo, só nos propomos a pontuá-las para contextualizar de forma geral a prostituição e conhecer as dimensões que existem em relação a este fenômeno, mas o que nos interessa desta investigação é pensar nas posições subjetivas das mulheres que exercem a prostituição. Podemos observar através do que foi dito anteriormente, que não necessariamente essas mulheres são vítimas, e que em alguns casos o início dessa prática se dá por vontade própria, e que nem sempre se fala de exploração sexual.

É importante pontuar que a psicanálise não pretende fazer uma generalização do fenômeno da prostituição, mas ao contrário permitir uma abertura a uma visão subjetiva, que

nesse caso faz referência ao processo de subjetivação da feminidade tendo como desfecho a saída pela via da prostituição.

Desde a psicanálise freudiana, se fala da feminilidade como uma construção simbólica. A teoria psicanalítica, difere de outras teorias em relação a forma em que se concebe o corpo no sexo feminino, pois se separa da visão biológica, a visão do corpo se encontra relacionada ao processo de subjetivação da realidade experienciada.

### **3 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: ANÁLISE DE CONTEÚDO**

Muito se diz em relação as causas da prostituição feminina, se enfatiza as condições sociais apelando a pobreza, marginalização, falta de oportunidades e ao abuso sexual como justificativa para o exercício da prostituição. Pouco se fala das questões subjetivas que contribuem para que mulheres exerçam essa prática.

O processo de subjetivação do feminino é algo acentuadamente complicado mesmo quando o percurso edípico é atravessado sem maiores dificuldades. A menina passa por uma série de situações conflituosas no período da organização edípica, como por exemplo a diferença anatômica, entrada no Édipo pela castração, mudança no objeto de amor e identificações. Será a partir do Édipo que o sujeito irá estruturar e organizar o seu vir-a-ser, sobretudo em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração (MOREIRA, 2004). Nesse sentido o superego vai se constituindo juntamente com as influências da cultura e da projeção na menina do desejo do outro. No campo da psicanálise coexistem diversas teorias do sujeito. Em Lacan, trata-se da teoria do sujeito assujeitado ao desejo do Outro, em particular ao seu discurso (CORREA, 2003).

Além do que é essencialmente explícito em relação à prostituição o intercâmbio sexo e dinheiro nas construções discursivas das participantes se mostrou uma situação implícita que indica certa igualdade do comércio sexual o recebido pelo cliente em troca de dinheiro não é entendido somente como prazer sexual, assim como aquilo que obtém a prostituta não é somente dinheiro, ambos obtêm, de acordo com o entendimento das participantes, algo chamado satisfação.

A satisfação enquanto valor privilegiado da sociedade atual se coloca nessa cena como algo conseguido através do dinheiro, na atualidade se tem a satisfação como um direito natural do ser humano que se vincula ao hedonismo e, por conseguinte, o afastamento de qualquer evento desagradável que afete a homeostase tanto acessível como inacessível. Neste caso a satisfação atribuída pelas participantes aos clientes é sinônima de prazer sexual?

“Para mim a gente tem que tratar as pessoas com carinho e tipo, coisas que as pessoas não recebem em casa faz com que elas procurem na rua. Eu penso assim! Muitas vezes já entrei no quarto só para conversar, ficamos conversando dentro do quarto, porque ele não tem diálogo em casa, não conversa com a esposa, não conversa com ninguém com os filhos com ninguém. Aí eles chegam e querem conversar com agente. Agente escuta né, tenta, tipo, ajudar da forma que dá né, dando conselho para eles. Uma vez tinha um cliente que veio falar que a mulher dele não estava fazendo relação e que ele também não estava agradando ela. Eu falei, que tal dar um presente para ela? Agrada sua mulher, de repente ela te receberá com bom carinho, amor com um beijo. Depois de um tempo ele veio falar comigo que não viria mais que veio somente trazer um presente, que ele tinha voltado com sua mulher e que tudo estava correndo bem com ele e sua mulher, que estava correndo tudo bem em casa e que não precisava a vir mais a minha procura” (S-1).

“Geralmente as pessoas que contratam uma garota de programa, principalmente os homens são muito carentes, não carentes físicos, carentes de dialogar de falar o que sentem então muitos deles fazem psicoterapia com a gente, porque eles falam de tudo, falam da família, do trabalho” (S-2).

Considera-se que a resposta a esta pergunta pela satisfação como sinônima de prazer sexual para os chamados clientes é negativa, pois as mulheres prostitutas segundo o testemunho dado pelas participantes ocupam o lugar do que supõe que falta nos seus clientes, tampam uma falha relacional que estoura a lógica hedonista que propõe a modernidade de tal modo que as participantes pesam que deixando de lado temporariamente os assuntos problemáticos da sua existência, os clientes alcançam certos modos de satisfação, ficando claro, que o que vem a remediar o desprazer não é necessariamente o ato sexual, mas também outros modos de vinculação, ou seja, não somente a venda de sexo, rebatendo assim a definição simplista de prostituição mencionada.

O fato de ela se exhibir e se propor como objeto do desejo identifica-a, de maneira latente e secreta, com o falo, e situa seu ser de sujeito como falo desejado, significante do desejo do Outro. Esse ser a situa para além do que podemos chamar de mascarada feminina, já que, afinal, tudo o que ela mostra de sua feminilidade está ligado, precisamente, a essa identificação profunda com o significante fálico, que é o que está mais ligado à sua feminilidade (LACAN, 1999, p. 363).

Agora bem, o que ocorre do lado da mulher prostituta? A satisfação, também de contemplar os aspectos que mencionados anteriormente, implica buscar um futuro melhor que a realidade presente, isso ocasiona que o futuro seja inalcançável dada às condições atuais não vão satisfazer nunca as expectativas ideais projetadas. Para conseguir este fim tão precioso como difuso, se recorre à busca incessante de oportunidade de desenvolvimento contingentes principalmente ao âmbito laboral.

A prostituição pode vincular-se a categoria de emprego dado que está regido pelas disposições legais que fazem de certa atividade um assunto laboral, “apesar de já existir uma categoria para as profissionais do sexo na Classificação Brasileira de Ocupações, essas

mulheres permanecem marginalizadas” Pasini (2005 apud BURBULHAN; GUIMARAES; BRUNS, 2012). Isso ocorre, pois mesmo não se configurando um crime de acordo com as normas vigentes no Brasil, essa prática é vista culturalmente como inadequada aos padrões de moralidade. Entre as diferenças encontradas nas várias formas como a prostituição é entendida e tratada em nossa sociedade destacam-se a sua denominação e a de suas representantes (BURBULHAN ; GUIMARAES; BRUNS, 2012). Para as participantes a prática da prostituição se constitui em um trabalho, está conotação tem efeitos significativos em seus discursos, especialmente porque a prostituição, enquanto atividade laboral se constitui para independência econômica que, por sua vez, relaciona com a satisfação.

“Comecei quando separei demorou umas duas semanas eu entrei nessa vida. Porque eu não queria voltar para a casa dos pais, aí entrei nessa vida, aí eu mantive uma casa, comprei uma casa, mantive meu filho, e até hoje eu não preciso de ninguém” (S-3).

Através do dinheiro obtido da prática da prostituição, se faz possível a atenção básica as necessidades dos filhos também da pretensão de proporcionar um futuro melhor do que haviam tido, isto implica de algum modo na busca da própria satisfação estando mãe e filhos satisfeitos. Embora no discurso das participantes o suporte econômico do grupo familiar especialmente dos filhos se constitui como uma razão para perpetuar a prática, se considera que a experiência da maternidade não é uma simples obrigação, mas que constitui um dos suportes principais do conceito de si mesmas. Por outro lado, a satisfação materna se relaciona com o sentimento subjetivo de ser plena, para as participantes a definição de si mesma está atravessada principalmente por sua condição de ser mãe.

Conclui-se que, de acordo com as lógicas discursivas e os significados desvelados a respeito da prostituição e seus estereótipos, nesta prática existe uma relação de intercâmbio aparente. Indicada como sexo e dinheiro cujo sentido implícito se traduz em desejo e satisfação, nesta ordem de ideias, o comércio sexual é equitativo, no entanto as transações são medidas por situações de igual carga valorativa. Neste sentido, presente investigação oferece uma alternativa as leituras tradicionais sobre esta prática, que entendem como um simples intercâmbio comercial de sexo e dinheiro.

A prática da prostituição conota uma condição manifesta nomeada como comércio sexo e dinheiro, cujo sentido implícito se traduz em um intercâmbio desejo e satisfação. A equidade desvelada nisto que encobre o aparente não deixa de lado, porém é o significado doloroso que para as participantes adquire esta prática explicada por estas a partir da ideia de que o encontro sexual deve estar atravessado pelo amor, o qual não ocorre na experiência com o cliente.

“Não podemos criar sentimentos por nenhum cliente, até porque eles nos procuram somente para satisfazer seus desejos e pronto. Eu tenho um namorado e com ele o sexo é com sentimento, totalmente diferente” (S-5).

O ato sexual, tal como exposto anteriormente é só um dos modos de vinculação cliente e prostituta que, porém, se instaura como o mais nomeado no discurso das participantes e como aquele que significa o doloroso da prática. O encontro sexual na prostituição está atravessado pelos aspectos explícitos em lidar com que pode acontecer em tal situação, também, assegura tanto ao cliente como a mulher que suas exigências e condições tenham parte na transação. O ritual sexual sempre vem determinado pelo acordo estabelecido anteriormente. O preço será, em definitivo, o que impõe a modalidade e duração da relação. A relação aqui estabelecida é mercantil no sentido que explica a situação de serviço em relação ao que foi combinado na venda do sexo, levando em consideração as exigências feitas pelos clientes e temporalidades pré-estabelecidas o valor pode ser ajustado, quem o busca paga e recebe na mesma proporção.

“Geralmente o programa é pago à vista, é dinheiro vivo na hora, ou depois você acerta com o cliente. Se o cliente quer algo a mais geralmente na rua a gente usa muito o diálogo “respirou mais fundo paga”, então qualquer coisa a mais entra até droga. Se ele quer que você use droga você vai cobrar por isso ou pode ser igual no site você entra em contato por telefone e combina o preço” (S-2).

Para as participantes suas condições no ato sexual não se referem somente as particularidades no tipo de encontro, mas que contemplam as exigências cuja pretensão primordial é reservar o amor que de nenhum modo é posto a serviço do cliente. Considera-se que, desta maneira, elas pretendem desvincular o amor do sexo na prostituição, operação que, no entanto, torna-se ineficiente. No entanto, desta forma a significação dolorosa continua presente, é dizer que, o cliente não é o homem amado, mas o ideal de sexo com e por amor continua vigente. As mulheres que praticam a prostituição dissociam sua corporalidade do ato sexual com o cliente, dissociação que se manifesta no tipo de serviço sexual que se aceitam ou rejeitam. Para o caso do presente estudo, os serviços não admitidos são aqueles que para as mulheres entrevistadas denotam maior intimidade com os clientes.

“As coisas que eu não faço hoje sexualmente são; não me submeter à tortura, enforcamento, levar choque, ser agredida, mais de um homem na cama, drogas também não, fazer com homem drogado também, defecar na boca também não, pois chega ao meu limite de pessoa e profissional”(S-2).

No discurso das participantes revela que diante da clientela a dissociação é um feito, colocando o corpo em um lugar de objeto que nada tem a ver com a intimidade de uma relação amorosa; também, elas consideram que os clientes as assumem tal como elas se mostram como corpo coisificado que não tem mais valor do que oferecimento de prazer sexual. Assim a

definição de sua própria corporalidade no encontro sexual está atravessada pelo significado de que a mulher chamada prostituta é construída pelos clientes, um autor social pode chegar a ser concebido de acordo como outros autores os define.

“Porque você é uma garota de programa não tem respeito, acham que você é um objeto e está disponível para fazer o que eles querem” (S-2).

A significação dolorosa do encontro sexual na prostituição também pode ser definida através da categorização dicotômica que as participantes fazem dos clientes, em termos de bons e maus. O ato sexual com cada um dos homens pertencentes a tais categorias adquire nuances que aparentemente são diferentes, porém o doloroso do ato sexual sem amor não pode ser resolvido. Com os clientes bons as participantes alcançam a sensação de que a relação não é invasiva, que são respeitadas, que o ato sexual vem como resposta ao galanteio podendo o prazer sexual ser alcançado, de maneira muito limitada as trabalhadoras sexuais aceitam a possibilidade de uma relação afetiva com um cliente, quando é atrativo fisicamente e as tratam como seres humanos e mulheres, e não como prostitutas. Enquanto isso, os clientes maus as coisificam. Neste nível tem lugar uma implicação subjetiva das mulheres em uma relação na qual eles próprios começam a se envolver.

“Tem muitos homens que procuram não só se satisfazer por estar pagando, quer satisfazer a parceira independente se ela é paga ou não. Tem muitos que tratam a mulher como um objeto, chega a nem olhar para a cara da mulher, a manda tirar a roupa ficar de quatro e pronto. Já outros gostam de fazer carinho dar beijos de tocar, homens de verdade. Mesmo pagando ou não tratam a mulher como mulher e outros tratam como objeto por estarem pagando” (S-1).

“Tem muitos homens que te procuram e te tratam como um objeto, que ele pagou, transou e pronto, já outros não, eles dão carinho para a mulher, como eles procuram carinho eles também dão carinho” (S-4).

Para ambos os casos, porém, a significação dolorosa permanece embora o sexo sem amor seja por vias de certo modo diferentes. Elas sabem que este homem depois de um tempo irá embora como se nada tivesse acontecido, por tal razão é preciso assegurar que embora ante o cliente o sexo é simplesmente um contrato, não é nada que as comprometa em uma relação amorosa, para elas é indefinitivo, uma manifestação de amor da qual se espera algo, se reitera no amor pelo cliente, mas uma vinculação ideal do sexo com o sentimento amoroso de satisfação.

“Foi à maior burrada da minha vida! Comecei a gostar de um cara sabendo que não podia gostar porque amanhã ele vai estar na cama da sua colega. A gente sabe que corre esse risco, eu gostei muito dele porque ele me tratava com carinho e respeito, porque ele foi o único que a tratou com carinho e respeito” (S-2).

Assim se conclui que a experiência da sexualidade é uma construção social que, embora vivida por sujeitos particulares, se inscrevem em um contexto sociocultural e histórico que marca seus sentidos e significações. Considera-se que a mulher prostituta busca, de algum modo, articular-se aos discursos sociais que produzem formas mais ou menos institucionalizadas de conduzir-se no mundo. Considera que os atores sociais, para estar em situação de interação, devem interpretar os atos dos outros e conduzir sua própria conduta de acordo com eles. Para as participantes existe uma vinculação ideal entre o sexo e o amor; tal ideal não é uma pura forma individual, mas uma subjetivação de construções sociais principalmente promovidas pela igreja e pelo estado. As participantes para tratar de impedir a falha em tal ideal, que não tem lugar no encontro sexual com o cliente, no entanto não conseguem tamponar por completo a não conformidade do que deve ser o sexo e o amor. Tais vias são a dissociação entre o sexo e o amor no qual o corpo se coisifica, e a categorização dicotômica dos clientes em termos de bons e maus, estratégia que não leva a sua finalidade e deixam lugar a uma significação dolorosa, pois mulheres que praticam a prostituição, não cumprem com os ideais sobre a sexualidade e o amor.

#### **4 METODOLOGIA EMPREGADA**

A coleta dos dados foi feita através da entrevista semi-estruturada. “A entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa” Triviños (1987, apud MANZINI, 2004, p. 2-3). Para a análise dos dados, utilizamos o método da análise de conteúdo, que poderá mostrar a integração, discussão e avaliação do tema com flexibilidade e dinamismo. “O método da análise de conteúdo aparece como ferramenta para a compreensão da construção de significado que os atores sociais exteriorizam no discurso” (SILVA, GOBBI, SIMÃO, 2004, p. 74). Para a fundamentação teórica foi empregada a teoria psicanalítica a partir da perspectiva freudiana, para tanto se fez necessário uma extensa pesquisa bibliográfica para compreender os aspectos subjetivos em comum entre prostitutas na organização da feminilidade.

Discorrer a feminilidade proporciona seguir um caminho que atravessa o social e a cultura, bem como, nos proporcionar analisar a constituição da sexualidade feminina a partir da psicanálise. Possuindo como regra a singularidade do discurso e identificação de unidades de análise da representação dos fenômenos, tornando possível uma identificação de significados que se apresentam através do entendimento e da interpretação da realidade do sujeito.

## CONCLUSÃO

Diante do trabalho apresentado conclui-se que a experiência da sexualidade é uma construção social que, embora vivida por sujeitos particulares, se inscrevem em um contexto sociocultural e histórico que marca seus sentidos e significações.

Levando em consideração os aspectos culturais e os sociais, a pesquisa nos possibilitou transitar pelos caminhos que percorre a constituição do sujeito e da sexualidade feminina. Utilizamos como instrumento de pesquisa análise de dados e uma extensa pesquisa bibliográfica da teórica psicanalítica, que nos permitiu compreender os aspectos subjetivos em comum entre prostitutas na organização da feminilidade.

Considera-se que a mulher prostituta busca, de algum modo, articular-se aos discursos sociais que produzem formas mais ou menos institucionalizadas de conduzir-se no mundo. As participantes apresentaram em seus discursos que existe uma vinculação ideal entre o sexo e o amor, tal ideal não é uma pura forma individual, mas uma subjetivação de construções sociais principalmente promovidas pela igreja e pelo estado. Tais vias são a dissociação entre o sexo e o amor no qual o corpo se coisifica, e a categorização dicotômica dos clientes em termos de bons e maus, estratégia que não leva a sua finalidade e deixam lugar a uma significação dolorosa, pois mulheres que praticam a prostituição, não cumprem com os ideais sobre a sexualidade e o amor.

Ao indagarmos sobre a mulher prostituta, nos referimos ao seu desejo, de ser para o outro o objeto de desejo, sendo capaz de fazer o que for preciso para atrair os olhares deste outro, mascarando sua falta, numa presença da ausência do falo. O enigma da feminilidade movimenta o desejo da mulher, pois ao mascarar sua falta, ela prende o desejo do outro e deseja através dele. O que nos colocou a pensar na histeria da mulher, que se mantém insatisfeita, ou em falta do desejo do outro, para que ela também possa desejar. Aqui, se estabelece uma relação primordial, já que o homem vê na mulher um objeto de seu desejo, e assim ela entra no exercício fálico, pois seu desejo passa pelo do outro, ela deseja ser o objeto do outro. Dessa o desejo fica do lado do sujeito, já que ser um sujeito desejante é algo oriundo de sua constituição enquanto tal. Isso nos colocou frente a uma questão que não a nenhuma diferença entre o masculino e o feminino, ambos os sexos lidam com o falo, a menina fica com uma falta estrutural, que sempre vai existir e a movimentar, enquanto o menino tem medo de perder aquilo que possui. A diferença para o menino é que ele encerra o Complexo de Édipo a partir do medo da perda do pênis, o que o coloca frente ao Complexo de Castração. A falta do falo, marca a constituição da mulher e que a movimenta em seu exercício fálico. Isso nos diz de como a mulher se constitui

e nos apresenta esta falta do falo, a qual a deixa com uma fenda estrutural, que a movimenta durante toda sua existência.

Ao findar-se este trabalho concluímos que ao pensar na lógica do sujeito desejante, sempre vai faltar algo, deixando as questões narcísicas de lado, que bom que falte, e que isso movimente mais, e faça com que o sujeito saia do lugar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angela Maria Menezes. Feminilidade – caminho de subjetivação. Estudos de Psicanálise. Belo Horizonte - MG. n. 38, 2012.

ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo A psicanálise e o dispositivo diferença sexual diferença sexual. Revista Estudos Feministas. 2009.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Editora: Nova Fronteira, 2009.

BONFIM, Ana Costa e Flavia. Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a. Editora: Ágora. Rio de Janeiro. v. XVII n. 2. 2014.

BURBULHAN, Fernanda; GUIMARÃES, Roberto Mendes; BRUNS, Maria Alves de Toledo. Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 4 p. 669-677, out./dez. 2012

CORREA, Olga B. Ruiz. Transmissão psíquica entre as gerações. Psicologia USP, 2003.

COSTA, Rui Alexandre Nunes. A evolução da perspectiva psicodinâmica no abuso sexual de crianças: da psicanálise da teoria da sedução, à psicanálise do complexo de Édipo. Licenciatura em Psicologia pela Universidade do Minho, Portugal. 2007.

DINIZ, Rodrigo. O Complexo de Castração e Seus Aspectos Comuns no Menino e na Menina. 2012.

FARIAS, Cynthia Nunes de Freitas; LIMA, Glauceineia Gomes. A relação mãe- criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica. Estilos da Clínica, 2004.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. Editora: Imago, v. 4. 1900

\_\_\_\_\_. O Ego e o Id e outros trabalhos. Editora: Imago, v. 19. 1923-1925.

\_\_\_\_\_. Novas conferencias introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. Editora: Imago, v. 22. 1932-1936.

HALBERSTADT-FREUD, Hendrika. Electra versus Édipo. Psychê. São Paulo, 2006.

HILÁRIO, Leomir Cardoso; CUNHA, Eduardo Leal. Possibilidades ético-estéticas da perversão: a sexualidade perverso-polimorfa como prática de liberdade em Marcuse. *Psicologia USP, São Paulo*, 2012, 23(2), 303-325.

KUPERMANN, Daniel. Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. *Psic. Clin., Rio de Janeiro*, vol.22, n.1, 2010.

LACAN, Jacques. *O seminário: as formações do inconsciente*. Editora: Zamar, 1999.

LOPES, Concimar da Silva; RABELO, Ionara Vieira Moura; PIMENTA, Rosely Pereira Barbosa. A bela adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia. *Psicologia & Sociedade*; 19(1): 69-76, jan/abr. 2007.

MANZINI, Eduardo José. *Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros*. 2004

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai./ago. 2004.

TOGNOLLI, Dora. *Dinheiro e Psicanálise*. Ide, São Paulo-SP. 2014.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, vol. 7, núm. 1, 2005.

SILVA, Denise Quaresma; FOLBERG, Maria Nestovsky. De Freud a Lacan: as ideias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. *Estudos de Psicanálise, Salvador*. 2008.

VALDIVIA, Olivia Bittencourt. *Psicanálise e Feminilidade: Algumas Considerações*. *Psicologia Ciência e Profissão*, 1997, 17, (3), 20-27.

ZALCBERG, M. *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro: Elsevier. 2008.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 13, n. 1, 2008.